

Falta do n.º 1-2-1

POLYANTHEA

LETRAS E ARTES - GAZETA HEBDOMADARIA

REDACTORES—ALFREDO TOLEDÓ E NUNO GAMA

ANNO I

DESTERRO, SANTA CATHARINA, 25 DE MARÇO DE 1889

REDAÇÃO A RUA DO OUVIDOR—(HOTEL AURORA)

N. 4

LIVRO DA PORTA

Assignatura (Capital) mez..... \$500
Pelo correio, trimestre..... 28000

As pessoas que não tiverem recebido regularmente esta folha, tenham a bondade de reclamar ou no Hotel Aurora, ou em mão de Nuno Gama.

TEU NOME

Nunca viste ao alvorecer, quando a Natureza se desperta em seu leito de trevas e o trabalho bate com suas cem mãos ás portas do oriente, o céo, em que a luz como que se espiritualisa subtilmente em tons de esbatido suavissimo, e os olhos de uma delicadeza ideal, em transparencias de opala, em NUANUCES de um tenro delicioso, cobrir-se pouco a pouco de uma finissima poeira de ouro?

E' a Aurora que nos annuncia o dia.

Que bello espectáculo!

Os passos trinam, pousados nas ramas do arvoredó, cujas frondes, beijadas pela brisa, balouçam levemente; e o guanumby vae de flôr em flôr bebendo o mel de suas cacoulas, enquanto as magnolias entreabrem suas urnas de alabastro, e o heliotropio vira seu rosto para o lado do levante para saudar o astrorei, que assoma dando vida á terra.

Foi então que, abstrahido de tudo quando me cercava para envolver-me nos refohos da alma, lembrei-me de ti, meu amor, cujo olhar, de um azul cinzento, ou antes, de uma côr tão cambiante como a do mar, tem simultaneamente a placida limpidez de um lago, esmaltado de nenuphares, e a profundidade de um oceano, embrulhado no sombrio manto das ondas, e do penna em riste curvei minha fronte avincada sobre o papel.

E eu que não consegui nunca entender a ti, ente complexo e phantastico, caminhando ás vezes, como

uma divindade antiga, em um sonho estrellado; eu que experimentei a violenta e quasi dolorosa fascinação proveniente do encanto suggestivo de teu olhar enigmatico, eu que adoro o divino dom da graça que te envolve, escrevi teu nome.

Teu nome, minha amada, galante e delicada como a nuvemzinha branca que surge vaporosa em céo de primavera; a quem no apogeu da mocidade e da ventura, a tua belleza juvenil aureóla-te a cabeça, emmoldurada em cabellos, côr de oiro russo, e fulgura-te nos grandes olhos limpídos e meigos!

ALFREDO TOLEDÓ

Desterro—Janeiro—1889.

RECORDAÇÕES

O que era a dez annos esta capital, no mez que atravessamos, proximo ás maiores festividades da Igreja?

O que eram as nossas praças, os nossos templos, aquella linda e vistosa hermidá que do meio da montanha alonga seus olhares caridosos por sobre a vastidão sublime dos mares?

Quem contemplava ella, quando affluíam de todos os pontos da provincia multidões de penitentes, que muito antes do sabbado assignalado, vinham render mil graças pelos beneficios obtidos diante da tradicional, poetica, sublime e imponente imagem do Senhor dos Passos que orna com esplendor um de seus altares lateraes?

A face melancolica dos mares parece traduzir o grande pezar que enferma a alma daquella bella hermidá, que semelhante á virgem de Sião, a quem roubaram todos seus affectos, pernoita em lagrymas sem encontrar um só motivo de consolação.

O atrio que apresentava o magestoso espectáculo de outr'ora, vê-se isolado daquella alluvião immensa de povo que inflammado de fé e de religião acudia como romeiros de

uma santa Cruzada aos pés da Imagem do Salvador que tem uma historia de luz e de verdade, tanto no que representa, como na aquisição que fez a provincia, que vio voltar ás suas plagas mais de uma vez arribado o navio que conduzia tão preciosa carga, comprehendendo a piedosa tripolação que este era o logar destinado pela Providencia para expôr aos fieis imagem tão veneranda.

A população desta cidade conserva ainda com caracteres indeleveis a grata lembrança desses romeiros que durante os dias que atravessamos corriam aos pés daquella imagem privilegiada, para darem as provas as mais significantes do seo profundo acatamento.

O espirito publico catharinense não soffrido alguma cousa por esse abandono dos romeiros, que de todo se perdeu o seu grau de que os reunia em chammas divinas, não apresentam mais aquelle sublime espectáculo que era qual luta de gigantes cobertos de fé e de esperanças.

Qual a causa dessa ausencia repentina que se operou entre muitos dos nossos comprovincianos, fóra da capital?

Terão substituido essa crença, da qual faziam o seo maior brasão, por outra, que lhes offereça maiores vantagens?

Não, certamente.

Ainda se vê o fervor, com que acóde nos dias de maior veneração áquella imagem sacrosanta, uma boa parte dos habitantes das nossas villas e freguezias, e se a magoa dóe profundamente naquelles que observaram a capital regorgitando de povo immenso que vinha de todos os pontos da provincia nos dias de quaresma, é porque o espirito religioso deve tambem fazer parte do progresso de um povo, quanto mais que se trata de um centro de fé immensa que fazia da nossa cidade, todos os annos, durante mais de um mez, o theatro das maiores attentões.

Hoje já não se vê o numero consideravel de canoas e outras embarcações que traziam ás nossas praias

esses tantos romeiros que inflam-
mados de uma fé viva e soberana,
derramavam na nossa capital, com
o perfume de suas orações, o mais
bello aspecto e importancia que at-
trahiam a admiração do estrangeiro.

SILVIO PELLICO.

Desterro, 23 de Março de 1889.

NA REDE...

Dorme, creança loura, sobre tua
rede esmaltada de luz e de boninas;
emquanto dormes as flôres do jar-
dim levantam docemente suas petal-
las acrysoladas e enchem de perfu-
mes o teu lençol de escomilha, bor-
dado a fios d'ouro. Os passarinhos
dos telheiros, para amenisar o teu
sonho subtilmente gorgeam canções
doces, suspirosas na coma da ba-
gueira em flôr, que serve de cupula
a tua ligeira alcova...

Como é suave o teu somno, vi-
çosa flôr da campina!

Os passarinhos enamorados de
tua belleza, já não cantam tão ale-
gremente, enciumados pelo leve ro-
çar das rendas no teu rosto de um
setim rosado, parecendo

já madura

Quem déra ser aquella gase subtil
que brinca envolto teu cabello lou-
louro, e ouve as phrases de amor,
que dizes baixinho para que não as
ouça as auras perfumadas que bri-
sam pela manhã.

Emquanto dormes, creança de
meu sonho azul e constellado, a vi-
da passa ligeira e no seu perpassar
ha notas dulçurosas envoltas em
crêpes de tristezas.

Não penses em acordar. Sonha
com os... amores.

FERNANDO CALDEIRA

Desterro.

NA PRAIA

... E dê-lhe a braço—Fomos a um passeio,
fomos á praia que ficara perto,
n'uma curva de môrro... Sobre o seio
ella brava um lindo cravo aberto.

Não tinhamos o mimoso receio
pela alma a dentro. Eis-me que então, desperto
de um sonho ideal e de esperança cheio
dou-lhe na mão um tremulante aperto...

Era deserta a praia. No ovtro lado
é que apenas havia, do peccado,
umas casas pauperrimas, franzinas...

As promessas de amôr azas batião
emquanto que do sol os raios iam
poeirando d'ouro o alto das collinas.

ARAUJO FIGUEREDO

Ondina.

PEQUENAS COUSAS...

Si somos nós o unico que compul-
sa e que investiga o desnorteamento
em que vai a moda, é uma questão
que resta-nos elucidar.

O que mostra-se, porém, incon-
tradictavel é que esse desnortea-
mento existe, em positivo.

Hoje os traços predominantés no
vestuario dos sexos sam oppostos,
abertamente.

Não affirmamos que as velhas,
porque não parece de bom-gosto
occuparmo'-nos com a gente da ra-
bugice e do tabaco, mas jurámos, á
fé de qualquer par de olhos bonitos,
que as moças, mesmo depois de pen-
teadas com esmero, de caiadas, visi-
velmente, de pó-de-arroz, de aperta-
das, o mais possivel, no espartilho de
barbatanas dobradas, de calçadas nos
sapatos á Luiz quinze, não têm co-
ragem de enfiar o vestido sem ar-
marem-se da anquinha, que tem o
grande merito de tornal-as mais re-
polhudas e, por isso mesmo, mais
tentadoras.

Os homens, no emtanto, moços e
velhos, praticam o contrario: estão
bem á ultima moda, quando met-
tem-se, ou no paletó e frack curtos,
ou no CROISE apertado, guardando
coherencia e relação com a calça
curta e esternida, também.

N'isto o desnorteamento, e isto
vem de que as moças trajam á fran-
ceza e os homens á ingleza, e nem
ás moças, nem aos homens importa
saber que a França e a Inglaterra
sam dous grandes paizes que diffe-
rem até na fórmula de governo.

E si está reconhecido que essa in-
coherencia, sendo producto da mo-
da, quer dizer um mal irremedia-
vel, é licito confessarmos, nós ho-
mens, que as moças nos levam van-
tagem, no caso.

Posto que tenha de ampliar quan-
do o espartilho comprime e resu-
me, a anquinha, embora pese algu-
ma cousa, deve ser melhor do que a
calça esternida, ou, pelo menos,
mais... higienica, corra, não obs-
tante, no seu valor intrinseco de
cousa postiza, o perigo de despen-
der-se no rodar de uma walsa quen-
te e prolongada, n'um salão liso,
amplo e profusamente illumina-

A calça muito estreita é, na ver-
dade, uma grande espiga, e
nós, por nossa parte, deixando de
usal-a, não é, simplesmente, porque

somos magro e esguio á mais não
poder, mas pela circumstancia de
não acharmos sympathico tudo
quanto incommoda e aborrece.

Sempre que vêmos um typo qual-
quer enfiado em calça esternida,
cousa que repete-se a cada passo,
recordámos o que succeden a certo
caixeiro presumido de outr'ora e
commerciante de hoje.

Foi o caso que o sujeito queren-
do ser um rapaz chic até á cavallo,
mandou fazer, para vestir de botas,
bem unida á côxa, uma calça bran-
ca que custou-lhe a peça de vêr-se
quasi em ceroulas, em plena rua, ás
11 horas de uma manhã de domín-
go, porque quando o moço bonito,
dominado pelo seu ideal de chatice
e de ineptia, collocou o pé no estri-
bo e fez o esforço preciso para mon-
tar o seu bucephalo guapo, fogoso e
bonito também, arrebentou, da pre-
silha á abertura, todo o pontea-
do da calça!

E concorrer para a repetição do
caso, é o que não achamos conve-
niente.

LYDIO BARBOSA

Desterro.

BRANCO, PRETO E VERMELHO

Eis como um grande sabio narra a
morte do principe de Tidja:

Por uma bella manhã de inverno, o
principe, sabindo pelo pequeno portão
do jardim, embrenhou-se em vasta flo-
resta.

O chão estava coberto de neve e as
arvores molhadas pelo orvalho, assi-
milhavam-se a esses arbustos que cres-
cem espontaneos nas margens d'algu-
mas fontes.

Devaneando, immerso em suas re-
flexões, o principe caminhava vagaro-
samente, quando, ao passar por debai-
xo de um pinheiro, viu uma gralha,
que saltitando de galho em galho, gras-
nava ruidosamente.

Com uma promptidão e destreza
admiraveis, o principe lançou mão da
espingarda e matou-a.

O passaro cabio, debatendo-se na
neve, que tornou-se de uma côr encar-
nada.

A plumagem preta da gralha, a al-
vura da neve e a côr vermelha do san-
gue que formavam um seductor con-
traste, pelo que ficou o principe real-
mente admirado.

Deteve se muito tempo pensando so-
bre o caso, recolhendo emfim, triste e
pensativo para o palacio.

Dias depois o principe passeiava, a
cavallo, por uma aldeia, quando lhe
pareceu ver, na janella de uma pobre
choupana, o conjuncto de côres que
elle tanto admirára.

Aproximando-se, a galope, ficou ma-
ravilhado ao enfrentar com uma meni-
na que lhe sorria.

Nunca elle imaginára belleza tão perfeita.

A menina tinha os labios tão vermelhos como o sangue da gralha, os cabellos tão negros como a plumagem do passaro, e a tez de uma alvura mais nitida do que a neve.

O principe empurrou a porta e entrou.

Um velho, fumava, assentado em uma miseravel cama.

Com a presença do principe, elle prostrou-se-lhe aos pés, dizendo:

— Tudo quanto tenho vos pertence !

— Da-me tua filha, exclamou o principe.

O velho, tomando a linda menina pela mão, apresentou-a, dizendo:

— Ella chama-se « Hadaly », o que significa « Ideal » !

— Fal-a-ei soberana e feliz, ajuntou o principe, lançando um punhado de ouro ao chão; e cingindo a donzella com os braços, saltou para sella e partiu a todo o galope, em direcção a cidade.

Houve um reboliço por todo o reino, quando correu a noticia que o principe ia esposar a filha de um camponez.

A Sultana ficou verdadeiramente desesperada e procurou todos os meios possiveis para evitar essa união.

Hadaly occupava uma parte do palacio, onde era servida por cincoenta criadas e rodeada de mil carinhos.

O principe, passava horas inteiras a contemplal-a, em quanto ella experimentava as indas *diversões* e ricas *festas*, ou quando se distrahia nos jardins, admirando os passaros que esvoaçavam alegremente nos viveiros, enlevada por um magnifico repucho, cujas aguas cahiam em espanadas sobre uma larga bacia de marmore.

Tidja tinha uma vaga inquietação, que parecia presagiar-lhe proxima desgraça.

Com effeito, apesar de toda a vigilancia, uma noite Hadaly desapareceu, sendo improficuos todos os meios de que lançaram mão para encontral-a.

A partir desse dia foi o principe victima de profunda melancholia.

Passava as noites a se estorcer desesperado nos braços de ferro da mais terrivel insomnia, e então, se a vigilia prostrava-o era para, em sonhos, ver Hadaly arrebatada por um phantasma.

Acordando n'esses momentos, o principe se levantava, corria endoudecido para fóra do palacio, gritando:

— Hadaly ! Ideal ! amo-te !

— Onde estás ?

Uma tarde, estando tristemente recostado á janella, o principe reparou em uma arvore que ostentava-se magestosamente em frente do seu aposento.

Muito semelhante á romeira produzia uns fructos bem exquisitos: alguns brancos, outros vermelhos, outros pretos.

Foi elle assentar-se debaixo da arvore, disposto a não mais abandonal-a, porque ella trazia-lhe recordações de Hadaly, a noiva idolatrada.

Vendo isto, a Sultana ordenou que arrancassem a arvore. Queimaram-n'a, e as cinzas foram lançadas no tanque.

No dia seguinte o tanque estava repleto de peixes vermelhos, brancos e pretos.

O principe passava horas e horas entretido na beira da agua atirando miagalhas de pão aos peixinhos.

A Sultana mandou esgotar a agua do tanque.

Lindos arbustos cresceram sobre o lôdo, e produziram milhares de rosas vermelhas, brancas e pretas.

O principe de Tidja deitava-se indolentemente sobre este leito de relvas, e, consumido pela paixão que, pouco e pouco, sugava-lhe a existencia, mordía as petalas das flores, chamando por Hadaly.

A Sultana, já impaciente, ordenou que esse leito de flores fosse reduzido a cinzas.

Uma fumaça densa, em immensas espiraes que se desenrolavam magestosamente se colorio de um branco resplandecente, de encarnado vivo e de um negro côr de ébano.

As tres côres, a principio distinctas e deslumbrantes, confundiam-se em seguida no espaço.

O principe, fascinado, fóra de si, atirou-se ao braseiro.

Seu semblante era bello e imponente no meio das chamas.

E pasmavam todos vê-lo a sorrir atravez das linguas de fogo que o cercavam quando repentinamente um clamor de angustia *partiu de todos os bocas*.

Ao lado do principe estava Hadaly, que, depois de beijal-o, entrelaçou-o, e começaram ambos a subir, até perderem-se no infinito.

NUNO GAMA

Desterro — Março — 89

Inter dolores

A UMA INFELIZ
Condoe-me o teu soffrer, ó pobre desvalida !
O pranto que te sulca a face descorada,
A luta que te arrasta a vida amargurada,
A dôr da ingratidão sem paz, indefinida,

As phrases do penar que te contorcem a vida
De abrolhos infernaes, na estrada abandonada,
A seiva de amargor da vida desgraçada,
Que travas sob o horror da sorte desabrida,

São élos perennaes, forjados de martyrios
Pelas tyrannas mãos de um esposo inhumano !
E quem dirá, oh ! flôr, que sob os ventos frios

D'essa desgraça, assim, vais occultando ao mundo,
A miséria, o tormento, a dôr, a febre dos delyrios...
Emquanto que um punhal te vara o peito a fundo !

IBRANTINA DE OLIVEIRA

Desterro, 12 de Outubro de 1888.

O CASTELLO DOS PHANTASMAS

(CONDESSA DASH)

A Salles Brazil e F. Margarida

(Continuação)

Sentindo que o frio me enregelava, comecei a pessear, não só para restabelecer a circulação do sangue, como para não adormecer.

Depois voltei á meza e tentei escrever alguns versos; mas o somno matava-me a inspiração.

Comecei de novo a passear até a meia noite.

A essa hora suprema em que o mundo dos vivos parece dormir o somno da morte e os espectros sahem dos tumulos, uma sensação extraordinaria produzio-se em mim: pareceu-me sentir alguem segurarme pelos hombros e voltar-me para o lado da galeria.

Fiquei deslumbrado.

Diante de mim, estendia-se, a perder de vista, a galeria immensa, a mesma galeria que eu tinha visitado á tarde, a mesma galeria que eu vira núa, sem quadros, sem dourados, com as paredes gretadas, com os soalhos quebrados, com os tectos humidos e negros.

Essa galeria exhibia um conjunto de maravilhas, de luzes scintillantes, de quadros esplendidos, de estofos riquissimos.

Ali estava fielmente reproduzido o que Adriano imaginára.

Teria elle tido tambem uma visão ?

Aquella larga porta abria-se tambem diante d'elle ?

Perdia-me em conjecturas, mas admirava sempre. Ouvia uma musica voluptuosa e enervadora; ouvia vozes harmoniosas cantando o amor e o prazer: ouvia o choque sonoro dos copos; ouvia as gargalhadas stridentes da ebriedade, e não ousava avançar um passo...

Por fim, fiz um esforço: venci o deslumbramento, que me transformára em uma estatua, e entrei na galeria.

Atravessei grandes salas, tão esplendidas como a primeira, onde uma multidão de homens e de mulheres cobertos de velludos e de ouro, passeava em plena liberdade.

Scintillavam ali os diamantes, as perolas, os brocados, os estofos mais ricos; cruzavam-se os vestidos de longa cauda com os gibões de setim branco e os mantos de velludo.

Tudo aquillo parecia novo, e as pedrarias tinham um brilho impossivel de supportar-se.

Eu julgava sonhar, e batia na frente para convencer-me de que não era preza de um sonho.

Os musicos estavam em uma tribuna, defronte de mim: eram todos moços e bellos.

Pagens brancos e negros percorriam os grupos com bandejas cheias de garrafas de ouro e copo de crystal. Outros seguiam seus senhores, conduzindo nos braços longas capas forradas de arminho.

Aqui—moços e moças passeavam de mãos dadas; ali—fallavam de amôr, de poesia e de artes; além—grupos de velhos conversavam a meia voz.

Parecia-me vêr physionomias conhecidas. Eu já tinha visto alguns d'aquelles homens e algumas d'aquellas mulheres.

Uma, entre outras, a mais bella de todas, reclinada sobre coxins escarlates e rodeada de numerosa côrte, eu conhecia perfeitamente.

Era maravilhosa a sua TOILETTE coberta de perolas e de diamantes.

Tinha na mão direita um leque de plumas, que agitava com indolencia, e na esquerda um frasquinho feito de topasio.

Um cavalheiro estava de joelhos a seus pès; um outro recitava-lhe versos; um terceiro agitava diante d'ella um ramilhete de odoriferos flôres.

Ornava-lhe a frente uma corôa de princeza.

Eu passeava no meio de toda aquella gente, e ninguem reparava em mim.

Ouvia distinctamente as conversações; mas, caso extraordinario! ouvia-as todas ao mesmo tempo e separadamente.

Parei diante da princeza.

— Princeza,—dizia um cortezão,—deve deixar o luto; o negro diz-lhe bem, mas é triste, e a princeza, moça e bella, não deve chorar eternamente um marido. D. Francisco de Aragão queria rouba-la ás nossas homenagens, mas, felizmente, a morte impedio-o de consummar esse crime. Foi um castigo justo...

— Não é verdade?— perguntou ella, sorrindo.

Seus olhos volveram-se graciosamente para um cortezão que estava defronte d'ella e que a contemplava em extase.

— Em que pensa, D. Afonso d'Este? perguntou.

— Eu penso, princeza,—replicou elle, estremecendo, como si despertasse de um pesadelo,—eu penso que a vida de um homem não é bastante para pagar a felicidade de ser-se seu esposo.

Ella fez um signal de aproximação, e, voltando-se para uma moça que tocava bandolim, pedio-lhe uma canção veneziana.

Fallavam todos o italiano do seculo XVI, o italiano de Tasso; mas eu comprehendia-o tão facilmente como si fôra o meu idioma.

A moça cantou e terminou o canto no meio de uma tempestade de applausos.

A princeza Lucrecia atirou-lhe uma das suas joias, e ella guardou-a com precipitação.

O duque d'Este despreendeu um diamante do seu gôrro e depositou-o na mão da cantora.

Um pagem apresentou á princeza um copo de ouro cravejado de rubis e de saphyras e cheio de vinho de Syracusa.

Ella levou-o aos labios e offereceu-o em seguida a D. Afonso d'Este.

— Desde que ella bebeu, elle pôde tambem beber,—disse baixo uma dama ao seu cavalheiro.

— Mesmo assim é perigoso,—replicou o cavalheiro.—E' verdade que as nupcias ainda não se celebraram.

HORACIO NUNES

(Continúa)

PESADELO

Eu ia rolando, rolando...

Escancarava-se em baixo a escura guela de um abysmo, onde os olhos phosphorejantes de um monstro, escamoso e horrendo, luziam como um par de diamantes negros.

Um suor frio e mortal ensopava-me os cabellos; latejavam-me as temporas e rangiam-me os dentes; das orbitas saltavam-me os olhos obstinados ao supremo esforço que eu fazia para fechal-os.

Vibravam-me no corpo epileticamente convulso os musculos e tendões como cordas tensa de violoncollo.

Confusamente subia do abysmo um ruido semelhante ao da espuma que ferve e estala nas costas do oceano.

Era a symphonia lugubre da morte!

Na deslocação do ar produzida pela queda de meu corpo, atravez do insondavel abysmo, como que eu sentia erguer-se atraz de mim uma revoada de estriges que se lamentavam.

E embaixo, bem lá no fundo do abysmo, os olhos phosphorejantes

do monstro luziam, luziam como um par de diamantes negros.

Meus pulmões já sussurravam arquejantes de cansaço; eu já havia perdido o folego e ia gritar quando...

Acordei.

Por uma fisga estreita da janella de meu quarto o sol uascente atirava-me ao leito uma beta luminosa.

Soavam lá fóra os cantos victoriosos da madrugada.

WENCESLAU DE QUEIROZ

FACTOS

DE NOBIS

Da «Evolução» n. 11 de 18:

«POLIANTHEA.—Recebemos o n. 1, 2 e 3 deste periodico litterario, que vem de sahir á publicidade sob a redacção dos esperançosos moços, senhores Alfredo de Toledo e Nuno Gama, e que é collaborado por diversas pennas.

Ao novo collega—todas as sympathias.»

Do «Conservador» n. 62 de 18:

«Temos recebido os ns. 1, 2 e 3 do periodico litterario «Polyanthea», do qual são redactores os srs. Alfredo Toledo e Nuno Gama. Agradecemos e desejamos-lhe uma longa duração.»

O nosso collega de redacção Alfredo Toledo recebeu de S. Paulo uma carta do Sr. Joaquim Augusto Ferreira Alves Junior, moço reconhecidamente intelligente, e amigo sincero, que, em referindo-se a fundação desta folha, muito nos animou a impavidos luctarmos contra os empecilhos que se nos antolham.

Não damos publicidade ás encomiasticas phrases desse talentoso moço, porque a isto nos obriga a molestia.

Agradecidos pomos a sua disposição nossas columnas e enviamos-lhe daqui o mais cordial «shake-hands».

Impr. na typ. do JORNAL DO COMMERCIO